

Quase africana: a discussão da categoria e o contexto de refúgio na cidade de Duque de Caxias (RJ)

Pedro Calafate¹

Viviane Penso Magalhães²

Resumo

Este artigo investiga a construção e desconstrução da categoria refúgio no Sul Global, analisando como as experiências dos migrantes desafiam definições jurídicas e normativas. A partir da pesquisa etnográfica Bilenge na Botongi: experiências escolares de jovens em contexto de refúgio (Magalhães, 2023), realizada em Duque de Caxias (RJ), o estudo examina as trajetórias de jovens migrantes e filhos de africanos, evidenciando suas redes de sociabilidade e dinâmicas de pertencimento. Propõe-se o conceito de contexto de refúgio para compreender essas vivências de forma mais ampla, destacando a necessidade de políticas públicas que reconheçam a diversidade dos deslocamentos forçados e suas implicações sociais, culturais e identitárias.

Palavras-chave

Migração; Categorias; Sul Global; Contexto de Refúgio

Almost African: The Discussion of the Category and the Refuge Context in the City of Duque de Caxias (RJ)

Abstract

This article investigates the construction and deconstruction of the refugee category in the Global South, analysing how migrant experiences challenge legal and normative definitions. Based on the ethnographic research BilengenaBotongi: school experiences of young people in a refugee context (Magalhães, 2023), conducted in Duque de Caxias (RJ), the study examines the trajectories of young migrants and children of African descent, highlighting their social networks and dynamics of belonging. The concept of refuge context is proposed to better understand these experiences, emphasizing the need for public policies that acknowledge the diversity of forced displacements and their social, cultural, and identity implications.

keywords

Migration; Categories; Global South; Refuge Context.

Artigo recebido em fevereiro de 2025

Artigo aceito em março de 2025



Introdução

Os deslocamentos forçados no Sul Global apresentam dinâmicas que desafiam as definições tradicionais da categoria refúgio, geralmente baseadas em critérios jurídicos estabelecidos pela Convenção de Genebra de 1951. No entanto, o refúgio não é apenas um status legal, mas uma experiência vivida de formas diversas, influenciada por fatores sociais, políticos e econômicos do país de origem e do destino. Diante disso, este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a construção e desconstrução dessa categoria, considerando as especificidades das migrações no Sul Global e os desafios enfrentados pelos migrantes na construção de pertencimento e identidade.

Para isso, este artigo produz recorte da tese de doutorado *Bilenge na Botongi: experiências escolares de jovens em contexto de refúgio*, defendida em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF (Magalhães, 2023). A tese foi realizada a partir de pesquisa de base etnográfica, tendo o bairro de Gramacho, Duque de Caxias (RJ), como território de referência. Buscou-se compreender como os jovens migrantes, refugiados e filhos brasileiros de africanos, residentes no município de Duque de Caxias, construíam seus modos de vida. A partir da observação participante, de entrevistas e do uso da fotografia reflexiva, foram analisadas as trajetórias de quatro jovens migrantes e filhos de africanos, evidenciando como suas experiências ultrapassam os enquadramentos jurídicos e burocráticos do refúgio. Suas interações em espaços como a escola, a comunidade e os serviços públicos revelam dinâmicas sociais que desafiam as concepções rígidas sobre quem é refugiado e como essa identidade é vivida.

Nesse contexto, o conceito de “*contexto de refúgio*” surge como uma ferramenta analítica para compreender a complexidade dessas experiências. Mais do que uma condição estática, o refúgio se manifesta nas relações sociais e nos processos de integração, sendo continuamente ressignificado pelos próprios sujeitos migrantes. Assim, ao destacar essas dinâmicas, este artigo contribui para um debate mais

amplo sobre as categorias migratórias e a necessidade de políticas públicas mais sensíveis às realidades dos deslocados.

O conceito refúgio investigado

Nas produções científicas, as categorias de análise são objeto de profundo debate, pois são lentes que possibilitam enxergar a realidade para a qual a investigação foi realizada. Por um lado, partindo de uma perspectiva empirista-positivista, os conceitos revelam uma essência observada da realidade social; por outro, em um viés idealista, são construções abstratas que produzem a realidade social (Haesbaert, 2014). Assumindo uma posição mediana, podemos considerar que, ao mesmo tempo em que refletem a realidade social, as categorias a produzem, assim como limitam nossa compreensão sobre ela (Crawley; Skleparis, 2018).

Como aponta Zetter (2007), uma das bases para a atual compreensão sobre refúgio – e as categorias dele derivadas – provém da Convenção de Genebra (1951), que define o refugiado como aquele ou aquela que foge de seu país por fundado temor de perseguição por motivos de religião, raça, nacionalidade, etnia ou opinião política. Desde então, a categoria foi continuamente “formada, transformada e reformada em resposta à mudança de alianças ou interesses políticos por parte dos países receptores de refugiados e à evolução da política e da lei” (Crawley; Skleparis, 2018, p.51).

O processo burocrático, por meio do qual suas subjetividades são dissecadas na busca por uma verdade legal objetiva (Sigona, 2014), impõe um padrão idealizado sobre o refugiado, carregado de expectativas comportamentais e narrativas (Zozzoli, 2015). As agências humanitárias têm também papel ativo na construção do rótulo sobre o refugiado por conta de interesses burocráticos e procedimentais (Zetter, 1991). A figura do refugiado torna-se uma *commodity* a ser mobilizada na busca por financiamentos (Rajaram, 2002), levando entidades a construir imagens humanitárias

convenientes (Zetter, 1991), dignas de compaixão e piedade (Zozzoli, 2015). De forma complementar à imagem do refugiado como vítima, há uma construção do refugiado como herói, “indivíduo que precisa se sacrificar para salvar a sua vida e a dos outros” (Zozzoli, 2015, p.28). Nesse nexos vítima-herói, acaba-se por atribuir aos sujeitos investigados um conjunto estereotipado de necessidades e causalidades (Bakewell, 2008).

Inúmeras pesquisas (Rajaram, 2002; Malkki, 1996; Sigona, 2014) desconstruem essa imagem universal descorporizada, desistoricizada e despolitizada de vítimas vulneráveis, dignas de comoção e cuidado. Em um estudo a respeito de hutus burundeses, vivendo em campos de refugiados na Tanzânia, Malkki (1996) expõe uma tensão entre a imagem do refugiado construída pelos administradores – um processo de vir a ser, sendo educados como refugiados – e as práticas cotidianas que rompiam com estereótipos impostos. Já Bakewell (2008), em estudo na fronteira da Zâmbia com Angola, direciona seu olhar para refugiados autoinstalados, procurando entender as práticas daqueles que se “mantêm fora dos sistemas formais de proteção e suporte”, não se identificando como refugiados, para fugir do controle das autoridades zambianas (Bakewell, 2008, p.443). Sem a existência do rótulo, o autor pode investigar como um conjunto de necessidades e problemas, ditos exclusivos do domínio dos refugiados, são compartilhados igualmente com não refugiados.

Castles (2003) argumenta em defesa dos estudos em uma escala média (mid-range theories), uma vez que “uma ‘grande teoria’ da migração que possa explicar todos os seus aspectos em qualquer lugar. Tal teoria seria tão geral a ponto de ser vazia” (Castles, 2003, p. 27). A configuração do fluxo (distante ou fronteiriço); o contingente; a forma de ingresso (com visto ou irregularmente); as similaridades culturais; a forma como a cidadania é vivida no país e o complexo de proteção ao refúgio se construiu no país impactam diretamente na experiência de ‘integração’ vivida pelo refugiado.

Um dos pontos de distinção entre os diferentes contextos de refúgio ancora-se no destino do fluxo. Diversos estudos têm apontado para a relação desigual do encontro vivida no contato entre migrantes do Sul Global após a migração para o Norte – encontros imperiais, como chamou Doty (1996). Os movimentos migratórios Sul-Sul, por sua vez, intensificaram-se após o fim da Guerra Fria e o avanço do processo de globalização, acompanhados de características econômicas e sociais semelhantes, baixos níveis de desenvolvimento, desigualdade econômica e dependência de mercados globais. Tais fatores aumentam as especificidades dos contextos migratórios, contrariando a ideia de um sujeito migrante universal, que pode ser categorizado de forma finita.

Diferentemente das Migrações Sul-Norte, as migrações entre países do Sul Global não têm muita visibilidade, exatamente porque carregam em seus movimentos questões globais, como: desigualdade, desenvolvimento e relações de poder. O olhar vindo do Sul não apenas carrega perspectivas analíticas distintas – leituras pós-coloniais e decoloniais, por exemplo –, como refletem uma outra realidade: contextos sociais, econômicos e políticos muito diferentes dos países do Norte global (Crawley; Teye, 2024, p. 3).

No Sul Global, não apenas as fronteiras são mais permissivas, sendo menos efetivos os mecanismos de securitização, como normas regionais –vide o Acordo de Cartagena – têm ampliado a concepção do refúgio a fim de acatar especificidades locais do fluxo intrarregional. No mais, a sociedade em que o migrante se insere não conviveu com o profundo desenvolvimento dos aparatos de bem-estar social nem com os mecanismos liberais de governo republicano, implicando em um modo específico de vivência da cidadania por seus respectivos cidadãos.

No contexto brasileiro, uma série de trabalhos de cunho etnográfico tem direcionado seus olhares para as práticas dos sujeitos migrantes, tensionando rótulos universais. Destacamos as seguintes pesquisas sobre a



integração local e a construção de redes sociais no Brasil (Hamid, 2019; Castro, 2020; Tannuri, 2000; Tannuri, 2010; Calafate, 2024), centros de acolhida e atendimento psicoterapêutico (Branco Pereira, 2019; Zozzoli, 2015; Haydu, 2017); Espaços Educativos (Bandeira, 2018; Bertoldo, 2020; Penso, 2022; Carrano e Magalhães, 2022; Russo; Mendes; Marcelino, 2022); e processos burocráticos de elegibilidade (Castro, 2020; Zozzoli, 2015). A seguir, mais um mergulho no cotidiano refugiado é proposto.

Mergulhando no cotidiano em Caxias: a emergência do contexto de refúgio

Para aprofundar o debate sobre as categorias, recortaremos, da tese acima citada, as narrativas e experiências vivenciadas por quatro jovens de origem ou descendência africana. Os episódios em questão nos ajudarão a refletir sobre as categorizações impostas a esses sujeitos e como suas vivências cotidianas contribuem para a construção de um “contexto de refúgio”, categoria elaborada afim de compreender os diversos vínculos estabelecidos entre si, com sua comunidade de origem e com o Brasil, reforçando a ideia de que os estudos sobre o refúgio devem ser contextuais.

O contexto de investigação

A pesquisa se desenvolve no bairro de Gramacho, no município de Duque de Caxias, região periférica da cidade do Rio de Janeiro, território que desde os anos 1990 tem como característica receber imigrantes e refugiados de diásporas africanas, sobretudo, angolanos e congoleses. Tais fluxos justificam-se em decorrência de guerras, crises políticas e precárias condições econômicas vivenciadas nos países referidos. A chegada de imigrantes, em condições de vulnerabilidade social, desencadeia uma busca por abrigos e moradias, onde o custo de vida é mais acessível. A pesquisa de Tannuri (2010) mostra que refugiados congoleses recém-chegados ao Brasil recorriam a outros africanos já estabelecidos no Rio de Janeiro para apoio na integração local.

O bairro de Gramacho, por abrigar famílias africanas desde a década de 1990, acabou se tornando uma rede de apoio aos que chegam posteriormente. De acordo com a autora, aquela década apresentou um grande número de solicitações de refúgio no Brasil. No Rio de Janeiro, especificamente, observou-se dois momentos de ápice na chegada dos africanos: primeiro, entre os anos de 1997 e 2007, com 2.192 pedidos vindos dos angolanos e, posteriormente, em 2008, quando houve um aumento significativo de solicitação dos congoleses, chegando a 75% do total de demandas de entrada no Estado do Rio de Janeiro (Tannuri, 2010). Para a atualização da pesquisa com os jovens, foi feito um levantamento pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), a partir dos dados da Polícia Federal. Entre os anos de 2014 e 2020, 328 jovens na idade de 15 a 29 anos, deram entrada na solicitação de refúgio pelo Rio de Janeiro. Desses, 91 foram registrados especificamente no município de Duque de Caxias.

A formação da comunidade africana no bairro promove interações nos espaços públicos, como órgãos ligados à saúde, à educação e outros serviços do município, com destaque para as escolas públicas, que atuam diretamente com o público infantojuvenil devido às matrículas obrigatórias nas unidades escolares. A escola pública do bairro onde a pesquisa foi desenvolvida atende jovens do 6º ao 9º ano do ensino regular e na modalidade noturna de Educação de Jovens e Adultos, o que possibilitou o contato com os jovens e a construção do vínculo para o trabalho acadêmico. Dentre os poucos espaços de circulação e socialização verificados pela pesquisa, a escola foi o que mais proporcionou observações de relações sociais e as conexões com o universo brasileiro: colegas, professores, hábitos e culturas locais.

Além da escola, foi importante para a pesquisa descobrir outros espaços de interação desses jovens. A igreja também se apresentou como ponto de encontro desses jovens. O grupo de africanos e seus familiares frequentavam dois espaços religiosos, sendo o primeiro a Igreja Católica Matriz de Santo Antônio, no centro do mu-



nicípio de Duque de Caxias, onde funciona a Ação Social Papa Paulo VI (ASPAS), uma associação beneficente de acolhida e suporte. Neste local, o grupo reunia-se para atividades como: entregas de cesta básica, cursos gratuitos, serviços de documentação e acesso a serviços de saúde e educação.

O outro espaço era a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Betesda Internacional em Brás de Pina, onde a maioria dos integrantes do grupo frequentava e professavam sua fé. Aos domingos, era possível encontrar outras famílias africanas, moradores de Gramacho e de outras áreas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Essas famílias se agrupavam em locais específicos dos seus bairros, normalmente os mais carentes de estrutura e serviços públicos. A rua do Peixe, no bairro de Gramacho, foi, por um tempo, uma localidade conhecida pelo grande número de famílias refugiadas e imigrantes residentes, devido ao baixo valor do aluguel e à garantia que os antigos moradores passavam aos proprietários.

Apresentando a pesquisa

A pesquisa teve como objetivo geral compreender como os jovens em contexto de refúgio vivenciavam o território de Gramacho, Duque de Caxias. De forma mais específica, investigava como os sujeitos percebiam a construção de seus modos de vida, a partir das redes de relacionamentos no bairro, na cidade e para além deles, identificando experiências e comportamentos que marcam suas vidas e trajetórias.

Para a análise, recorreremos às narrativas de quatro jovens da pesquisa. A escolha das quatro entre os outros jovens que também participaram da pesquisa se deu pelo fato de elas terem participado da maior parte do tempo da pesquisa, por serem alunas da escola e terem sido as mais disponíveis para as trocas da investigação. Para que tivessem seus nomes preservados, foram escolhidos pseudônimos que representassem a África, através de suas localidades geográficas. Essa ideia surgiu de uma das jovens após um trabalho realizado na Feira

Cultural da escola, nomeada Feira de Africanidades, onde a proposta era trabalhar temas específicos sobre a África, conforme orientado pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. São elas:

Cabinda – (província da Angola) **uma jovem brasileira**, filha de angolano e congoleza, cujos pais enfrentaram a diáspora entre 1990 e 2000. Cabinda nasceu e cresceu em Duque de Caxias (RJ). No período de quatro anos da pesquisa, Cabinda estudou na escola dos 13 aos 16 anos.

Jamba – (cidade localizada na província de Huíla, em Angola), **jovem brasileira**, filha de pai congolês e mãe angolana. A família se dividiu na vinda para o Brasil: primeiro veio o pai com os filhos mais velhos e, depois, a mãe com o restante dos irmãos. Assim como Cabinda, Jamba também estudou na escola do 6ª ao 9ª ano de escolaridade. Finalizou o Ensino Fundamental aos 17 anos e migrou com seu pai para Londres, em busca de melhores condições de vida, pois seus avós paternos já moravam lá. Sua mãe ficou no Brasil com os filhos mais novos.

Ambriz – (cidade localizada na província de Bengo, em Angola), **solicitante de refúgio**, veio para o Brasil com 15 anos, trazida por um homem que, segundo ela, deveria chamar de tio na viagem, pois seus familiares o pagaram para trazê-la. Seu pai já tinha vindo para o Brasil anteriormente com seus dois irmãos mais velhos; sua mãe ficou em Angola com os irmãos menores. Aos 17 anos, Ambriz engravidou de um senegalês, casou-se e conseguiu o documento definitivo.

Uíge – (cidade localizada ao norte de Angola), **imigrante congoleza**, quando criança veio para o Brasil algumas vezes como imigrante para fazer um tratamento de saúde, mas, na última vinda para o tratamento, seus pais resolveram tentar a vida no Brasil e ficaram.

A necessidade de maior interação com esses jovens para participar e entender seus modos de vida exigiu uma metodologia que os aproximasse da pesquisadora em meio a uma relação de confiança e afeto.



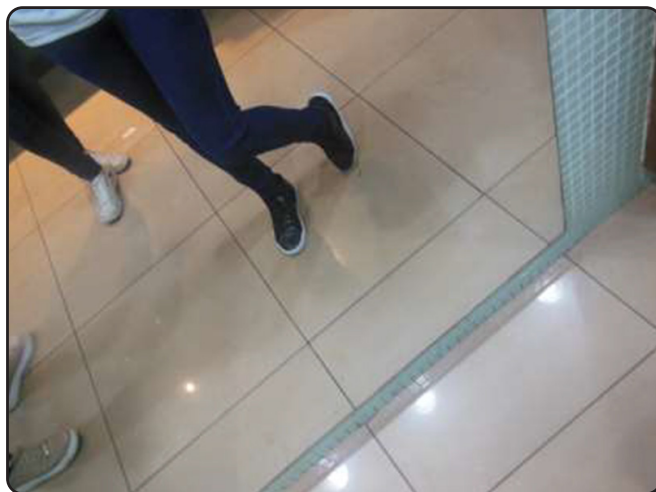
No sentido de: (i) Aproximar e construir uma relação de confiança para atingir os objetivos da pesquisa; (ii) conhecer as histórias individuais, supondo que trariam elementos das circunstâncias e conjunturas nas quais os jovens se socializam e também se individualizam; (iii) identificar as forças estruturais que constroem as iniciativas individuais, particularmente estruturas na origem (patriarcalismo), mas também aquelas no Brasil (vários tipos de preconceitos); (iv) Reconhecer o impacto dos processos migratórios, que não apenas resultam no deslocamento físico das pessoas, mas também no desconcerto (mental) destas.

As estratégias se desdobraram na escolha de técnicas/práticas metodológicas reconhecidas no meio científico: o uso do caderno de campo, que serviu não apenas para acumular registros da pesquisa empírica, mas também para a necessária reflexão e entendimento/ controle intelectual das informações e experiências. Tais conhecimentos contribuíram para a escolha do método de uso da fotografia reflexiva, que propunha aos jovens que elaborarem suas narrativas por meio da produção de suas imagens.

Para isso, uma máquina fotográfica foi cedida para que estes jovens produzissem imagens de seus cotidianos. Após recebidas e categorizadas, as fotografias proporcionaram momentos dialógicos que fortaleceram vínculos. Narrar o fotografado estimulou a reflexividade dos jovens sobre aquilo que decidiram selecionar para contar suas próprias histórias. Os momentos de conversa com os jovens participantes da atividade de fotografia ajudaram na construção de vínculos e nas relações baseadas na confiança (FERRAROTI, 2007), possibilitando a imersão nos espaços de convívio social dos grupos.

Uma identidade flexível: observando duas ocasiões da pesquisa.

As narrativas aqui apresentadas envolvem as quatro jovens da pesquisa em diferentes contextos de vivências dos cotidianos. Na ocasião da realização da pesquisa fotográfica, uma das fotos chama a atenção: Ambriz apresenta a fotografia de seu tênis.



Questionada a respeito da foto, a jovem diz:

Aqui é marcas. Marcas de quê? Marcas de tênis. Ah entendi! Você gosta de tênis de marca? Sim eu adoro. Suas colegas também gostam? Hum hum. Por quê? O que você acha que tem de diferente? Muita coisa. O que? É, já imaginou você está na rua e: Nossa, ela está de tênis de marca!!! Mas eu sempre gostei de tênis, eu adoro tênis. Eu amo tênis, de marca mais ainda. Adidas, Nike, Gucci, mas o que? Tem vários! Este seu tênis é de marca? É! Qual? Ele é da NIKE.

Em primeiro lugar, a foto chama a atenção ao trazer à tona um elemento fundamental da vida cotidiana, pouco explorado em pesquisas com refugiados: a esfera do consumo. Atentas aos desafios de acesso a direitos, muitas vezes, as pesquisas concentram-se na esfera dos direitos sociais, elemento fundamental, mas não exclusivo, da vivência cotidiana de refugiados. Ambriz, por sua vez, enfatiza seus desejos de consumo ao produzir imagens sobre si. A foto apresenta também o seu desejo por se vestir igual suas amigas brasileiras, quando acompanhada delas, enquanto valoriza trajes africanos nas ocasiões junto a seus conterrâneos. Essa fluidez identitária também pode ser observada em uma segunda ocasião, relacionada a uma apresentação musical.



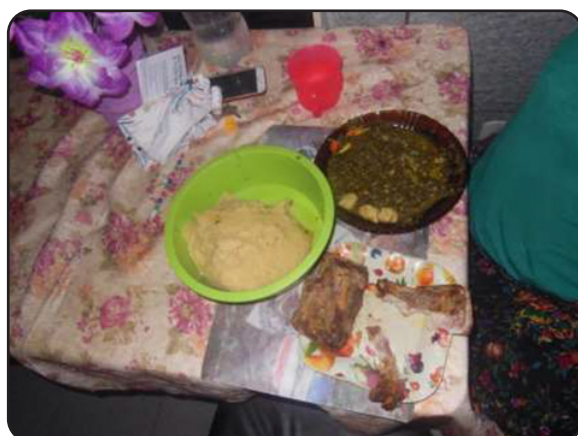
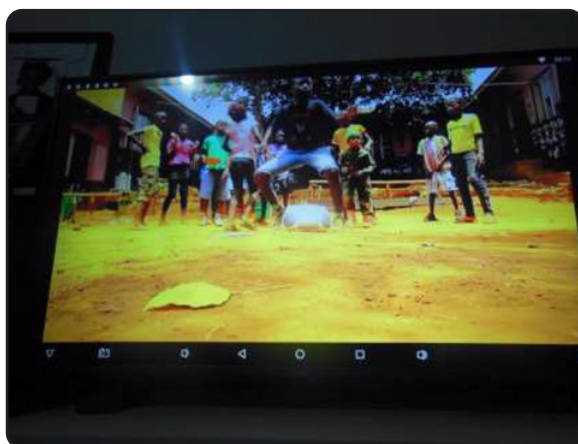
Em 2018, chegou à escola um e-mail com convite para o evento comemorativo do Dia Mundial do Refúgio na Secretaria Municipal de Educação. A convocação solicitava a presença de alunos refugiados e de quem tivesse vínculo ou parentesco com estrangeiros. Na mensagem, os responsáveis pelo evento propunham a organização de uma breve apresentação artística ou cultural a ser realizada pelos alunos, que trouxessem referências às suas culturas de origem. Três meninas aceitaram a convocação: Cabinda, Jamba e Ambriz. No dia da comemoração, estavam presentes alunos de diferentes nacionalidades com seus responsáveis das unidades escolares, membros da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UERJ-FEBF, responsáveis da Associação Paulo VI (ASPAS) e funcionários da SME-DC.

No dia do evento, as jovens mostraram-se muito familiarizadas com o ambiente, conheciam muitos alunos estrangeiros e alguns adultos que participavam da comemoração. Filmaram, fotografaram, e socializaram com as pessoas. As apresentações traziam alunos oriundos de Angola, República Democrática do Congo, Espanha e Síria. Ao serem convocadas ao palco para a apresentação, as jovens mostraram-se recosas e optaram por não se apresentar. Mesmo assim, após o término do evento, retornando para a escola, disseram ter gostado bastante do dia e que, se soubessem que seria daquela forma, teriam se preparado melhor. Foi sugerido, então, a apresentação de um número na Feira Cultural da escola. Elas se olhavam e sorriam, tocavam umas às outras como forma de induzir ou apressar a primeira resposta. Uma delas respondeu: Podemos apresentar Anitta?

A escolha inusitada de uma música da cantora Anitta, como opção de um número artístico a ser apresentado em evento futuro, revela muito sobre a vontade de se sentirem pertencentes à cultura do país de acolhimento. O fato de a cantora Anitta ser um fenômeno popular que agrada a muitos jovens, faz com que a escolha da sua música aproxime as jovens africanas do grupo em que estão inseridas na escola. Ou seja, dançar Anitta as torna mais aceitas pelos colegas da escola. Mes-

mo sabendo que as apresentações eram de expressões culturais de seus países de origem, as meninas preferiram a cantora brasileira. Esse comportamento, por mais simples que seja, fala sobre seus modos de se relacionarem com outros jovens, em especial brasileiros.

Curiosamente, em uma das fotografias apresentadas à pesquisa, uma das participantes, Jamba, que é brasileira, representou uma prática comum em seu cotidiano: assistir a vídeos de danças do Congo. A jovem também relata comer comidas africanas em seu diaadia e falar lingala em casa. Situação que contrasta com sua identidade quando está em convívio com brasileiros que não são descendente diretos de africanos.



Quase africana: a vivência do contexto de refúgio

Quando as jovens conseguem falar de si e do que pensam, questões interessantes surgem em suas narrativas. A condição de “serem africanos” ou “quase africanos”, são elementos que não só reportam à nacionalidade, mas também a experiências vividas e reveladas em um espaço-tempo antropológico que denominamos “contexto de refúgio”. Ao usar a expressão “quase africana”, uma jovem brasileira, filha de um congolês e uma angolana, caracteriza claramente o lugar em que suas experiências com outros amigos a colocam.

O intenso convívio com os familiares e amigos africanos impunha aos jovens nascidos no Brasil um cotidiano de compartilhamentos dos estilos de vida africanos: cultura, comidas, músicas, língua, histórias e, principalmente, a ligação do grupo com a migração. O grupo carrega a marca do refúgio, pois, desde a chegada dos primeiros africanos à cidade caxiense, o status de solicitante de refúgio ou de refugiados era uma realidade entre eles e os jovens da pesquisa; tanto os filhos de africanos que cresceram com essa marca quanto os africanos que migraram na juventude já se relacionam com a herança de uma história atrelada a essa categoria.

Os próprios movimentos de assistência social voltados para o grupo, as ações voluntárias e/ou religiosas e os eventos oferecidos pelas secretarias ligadas à prefeitura da cidade, atribuem aos títulos essa ideia. Uma fala elucida tal reflexão, dita por Cabinda, filha de angolana, que, ao ser questionada sobre gostar de ser brasileira, respondeu: “Sim, mas sou quase africana. Todos me chamam de africana”.

Os momentos revelaram que, embora haja um orgulho, muitas vezes conduzido pelos pais, de ancestralidade africana, para o jovem brasileiro, ser tratado como africano de forma pejorativa magoa e expressa o preconceito relativo à nacionalidade. Algo que frequentemente ouvimos nas falas dos jovens em relação ao tratamento que recebem pelo fato de serem negros com descendência africana. Isso ocorre, mesmo dentro de uma escola onde a grande maioria do seu corpo discente é negra.

E esse preconceito é abrangente em relação a qualquer categoria, ou seja, todos os jovens passam por ele, sendo imigrantes, solicitantes de refúgio, refugiados ou brasileiros filhos de africanos. A questão interseccional abrange a cor retinta e a origem, independentemente de seu status de cidadania. Além dos casos enumerados, podemos destacar que a observação dos espaços privados das jovens, como festas de família, o chá de bebê de uma das jovens e outras reuniões observadas, desperta o olhar para a vivência de dois mundos dessas jovens. Elas acabam vivenciando uma realidade em seus grupos e, quando estão na escola ou com amigos brasileiros que fogem ao seu grupo de africanos, precisam se tornar outras pessoas ou agir de forma diferente. As rotinas em casa eram muito próximas à vida africana e, nos outros espaços sociais, precisavam aprender uma brasilidade.

A observação dos modos de vida apontou para a existência de um contexto que comportava todos esses sujeitos. A presença da cultura e a força da vida africana foram percebidas nos comportamentos, falas, expressões linguísticas, hábitos cotidianos e na forma de educar, evidenciadas nas fotografias produzidas por eles. A categoria “contexto de refúgio”, assim, foi construída à medida que presenciamos e observamos os compartilhamentos do cotidiano dos jovens refugiados ou solicitantes de refúgio, imigrantes ou filhos de africanos.

A existência desse contexto evidencia-se também pelo compartilhamento de sentimentos comuns revelados ao longo da pesquisa. Um contexto que se fundamenta em uma conjuntura mais abrangente, que faz parte da antiga relação histórica e migracional do Brasil com a África ou vice e versa. São quatro jovens que, por alguma ação, movimento, percurso da vida ou condição social, foram classificadas e rotuladas por convenções nacionais e internacionais. Mas, quando estão juntas, vivendo, convivendo e sentindo essencialmente a juventude, mais se aproximando que se diferem.



Conclusão

A análise da categoria refúgio demonstra a complexidade e fluidez desse conceito, que vai além das definições legais estabelecidas por tratados internacionais. Como discutido ao longo do artigo, a construção e desconstrução dessa categoria são influenciadas por processos burocráticos, interesses políticos e discursos humanitários que, por vezes, padronizam experiências diversas. No entanto, a vivência dos sujeitos refugiados desafia essas categorizações fixas, revelando um espectro amplo de trajetórias migratórias, identidades e formas de pertencimento que não podem ser reduzidas a um rótulo único e universal. Assim, a própria noção de refúgio deve ser constantemente revisitada para evitar essencialismos que desconsiderem as especificidades locais e individuais.

Dessa forma, o conceito de “contexto de refúgio” surge como uma ferramenta analítica potente para compreender as experiências dos refugiados em sua totalidade. O estudo revela que, mais do que um status jurídico, o refúgio se manifesta em múltiplas dimensões sociais, culturais e afetivas, sendo moldado tanto pelas condições estruturais do país de acolhida quanto pelas relações e redes estabelecidas pelos próprios refugiados. A interação entre fatores macroestruturais, como políticas migratórias e discursos públicos, e fatores microestruturais, como laços comunitários e estratégias individuais de integração, evidencia a necessidade de uma abordagem mais situada e dinâmica para entender a realidade dos deslocamentos forçados.

Em vez de pensar o refúgio como uma condição fixa e homogênea, este estudo aponta para a importância de contextualizá-lo em sua dimensão histórica, social e política. A experiência das jovens migrantes investigadas ilustra como a categoria refúgio é vivida de maneiras plurais, questionando as fronteiras rígidas entre refugiados e não refugiados. Assim, ao privilegiar as narrativas e as experiências concretas desses sujeitos, torna-se possível construir políticas públicas e práticas de acolhimento mais sensíveis às realidades migratórias, garantindo que a noção de refúgio continue sendo um espaço de proteção e não um mecanismo de exclusão.

Referências

BAKEWELL, Oliver. Research beyond the categories: The importance of policy irrelevant research into forced migration. **Journal of Refugee Studies**, v. 21, n. 4, p. 432–453, 2008.

BRANCO-PEREIRA, Alexandre. **Viajantes do tempo**: imigrantes–refugiadas, saúde mental, cultura e racismo na cidade de São Paulo. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

CALAFATE, Pedro Carvalho. **Percursos de integração de solicitantes de refúgio na cidade do Rio de Janeiro**: a construção da cidadania refúgio. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2024.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MAGALHÃES, Viviane Penso. JOVENS EM CONTEXTO DE REFÚGIO: narrativas que revelam modos de vida e o lugar da escola. **Revista Teias**, v. 23, n. 69, p. 257–272, 2022.

CASTLES, Stephen. Towards a sociology of forced migration and social transformation. **Sociology**, v. 37, n. 1, p. 13–34, 2003.

CASTRO, Flávia R. **Refúgio e Injustiça Epistêmica**: Uma Análise a partir do Brasil. 2020. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CRAWLEY, H.; SKLEPARIS, D.. Refugees, migrants, neither, both: Categorical fetishism and the politics of bounding in Europe's 'migration crisis'. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 44, n. 1, p. 48–64, 2018.

DOTY, Roxanne. **Imperial Encounters**: The Politics of Representation in North–South Relations. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996

FERRAROTTI, Franco. Lashistórias de vida como método. **Convergencia**, v. 14, n. 44, p. 15–40, 2007.

HAESBAERT, R. **Viver no Limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in–segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2014.

HAMID, Sônia Cristina. **(Des)integrando refugiados**: os processos do reassentamento de palestinos no Brasil. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

HAYDU, M.. **Refugiados congolese na cidade de São Paulo**: processo migratório e itinerários terapêuticos (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017





MAGALHÃES, Vanessa P. **Bilenge na Botongi**: experiências escolares de jovens em contexto de refúgio. 2023. 177f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

MALKKI, Liisa H. Speechless emissaries: Refugees, humanitarianism, and dehistoricization. **Cultural anthropology**, v. 11, n. 3, p. 377–404, 1996.

RAJARAM, Prem Kumar. Humanitarianism and Representations of the Refugee. **Journal of refugee studies**, v. 15, n. 3, p. 247–264, 2002.

RUSSO, Kelly; MARCELINO, Sandra; MENDES, Leila de Carvalho. **"Aprendi o que é racismo no Brasil"**: crianças africanas e brasileiras na escola pública. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, p. 19–34, 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.65852. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revis-tateias/article/view/65852>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SIGONA, N. The politics of refugee voices: representation, narratives, and memories. In: FIDDIAN-QASMIYEH, Elena; LOESCHER, Gil; LONG, Katy; SIGONA, Nando (Ed.) **The Oxford Handbook of Refugee and Forced Migration Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

TANNURI, M. R. P.. Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: imagens, relatos e diálogos. **Revista Travessia**, São Paulo, ano 13, n. 37, p.17–24, maio/ago. 2000.

TANNURI, M. R. P.. **Refugiados congolese no Rio de Janeiro e dinâmicas de "integração local": das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ZETTER, Roger. Labelling refugees: Forming and transforming a bureaucratic identity. **Journal of refugee studies**, v. 4, n. 1, p. 39–62, 1991.

ZETTER, Roger. More labels, fewer refugees: Remaking the refugee label in an era of globalization. **Journal of refugee studies**, v. 20, n. 2, p. 172–192, 2007.

Zozzoli, Cécile Diniz. **A vivência de refúgio de mulheres migrantes**: uma análise da afetividade nos contextos de São Paulo e Paris. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Notas

- 1 Secretaria Municipal de Educação de Petrópolis/RJ. Orcid nº 0009-0000-0999-226X. E-mail: pedroccalafate@gmail.com
- 2 Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias/RJ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orcid nº 0000-0001-8142-9252. E-mail: viviane-penso@ippur.ufrj.br

